

# O MILITANTE

INFORMATIVO NACIONAL do MPS - Editado sob responsabilidade do Núcleo de Comunicação Antônio Houasis da Coordenação de Mídias, Redes e Comunicação do MPS e do Núcleo de Base de Mídiaativismo do MPS - Movimento Popular Socialista - PSB



## Edição Especial de RELANÇAMENTO do Jornal O MILITANTE

Ano IV - Nº 050 – 08 a 15 de abril de 2023 - Coordenação de Mídia, Redes e Comunicação do MPS  
Núcleo de Base de Mídiaativistas, Comunicadores e Novos Movimentos Sociais de Redes

### EDITORIAL

Na oportunidade do relançamento do **Jornal O MILITANTE**, paralisado durante quatro meses e no momento em que retomamos a iniciativa de fazê-lo circular novamente o fazemos no propósito de leva-lo a nossa militância semanalmente a partir deste 08 de abril de 2023, tendo como objetivos: 1º: transformá-lo num órgão informativo da militância onde através do mesmo faremos chegar a todos os militantes as orientações da luta e a integração da linha política do segmento; 2º; procurar levar aos mais longínquos cantos do país informações e notícias partidárias que venham a inserir o militante nas lutas do PSB e dos movimentos sociais os quais deve participar; e 3º informar a essa militância das atividades políticas e culturais do segmento como cursos, seminários, oficinas, etc e repassá-los o calendário das lutas que acontecem no dia a dia para que o mesmo faça sua agenda e participe levando o nome do PSB nas respectivas discussões.

Outro objetivo que esperamos alcançar é com o relançamento da **Revista O QUADRO**, esta um órgão de **Formação**, enquanto o jornal um órgão de **Informação**, buscando coadunar as atividades de nossos **Quadros Políticos** e nossos **Líderes de Massa** dentro de uma constante atividade para que o mesmo se sinta e saiba que é participe de um processo de luta revolucionária onde a luta de

classes e a disputa ideológica são uma constante no processo, e que para isso esteja preparado política e ideologicamente para a disputa da hegemonia política com setores internos no partido e externos dentro da esquerda, buscando sempre fraternalmente convencer para que os mesmos se tornem nossos aliados e não vencê-los para que estes não se tornem nossos inimigos, porém sem fugir da luta nem recuar do debate.

Este número especial de **O MILITANTE** traz importantes assuntos: primeiro é a importância da informação política do militante e o papel do Jornal na sua vida de militante. O segundo é a importância do jornal como meio de comunicação de massa e de transformação social e como um instrumento revolucionário na construção de uma política de agitação, compreendendo aí as ações de articulação de base, organização de massa, mobilização popular, formação política e participação social, com o objetivo de construirmos o Poder Popular e a Democracia Direta.

Buscar mudar o partido nos estados onde ele estagnou e se transformou numa sigla de aluguel. Servindo de banco de reserva para políticos carreiristas sem qualquer trabalho político e voltar a suas raízes como queriam, Francisco Julião, Miguel Arraes e Eduardo Campos. Para isso vamos fortalecer as teses de nosso presidente Carlos Siqueira, dando prosseguimento a Autorreforma

que culminará muito em breve com a convocação de uma **Conferência Nacional Ideológica do MPS**, para assim buscarmos influenciar o PSB de forma hegemônica no que será, de forma democrática, fraternal uma disputa entre militantes ideológicos e filiados fisiológicos, que nunca leram o Manifesto, o Programa nem o Estatuto ou o Regimento do Partido. Ou melhor. Nem sabem que isso existe. Não seguem as orientações políticas muito menos eleitorais do PSB, e muitos deles nem sequer colocaram o número 13 do candidato a Presidente da República e Vice-Presidente (que é do PSB) nas suas propagandas eleitorais, mas são os primeiros que vem atrás de cargos no novo governo que foi eleito com a força e o espírito de luta de nossa militância. Em cinco (05) Estados do país parte das executivas regionais, inclusive os presidentes e alguns candidatos não apoiaram nossos candidatos Lula e Alckmin. O que estes elementos ainda estão fazendo no PSB?

Esperamos contar com o apoio da militância do PSB na divulgação das lutas empreendidas pelo MPS, vanguarda popular revolucionária do PSB, atuando nas ruas e nas redes em defesa da democracia e do socialismo com sua linha política ideológica firme e combativa.

Por Arraes, Eduardo e Julião, somos a Revolução. Venceremos.

**Equipe de Redação do MPS**

*"O Analfabeto Político  
 O pior analfabeto é o analfabeto político  
 Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos  
 políticos  
 Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da  
 farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem das  
 decisões políticas.  
 O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito  
 dizendo que odeia a política  
 Não sabe o imbecil que, da sua ignorância política, nasce a  
 prostituta, o menor abandonado, e o pior de todos os bandidos,  
 que é o político vigarista, pilantra, corrupto e lacaio dos  
 exploradores do povo"*

Bertolt Brecht

**Por  
 MARX  
 LENIN  
 CHE e  
 ARRAES**



**Um Novo PSB. Uma Nova Esquerda. Uma Nova Internacional.**

O MPS, considerado a vanguarda popular revolucionária do PSB apresenta no seu primeiro número de relançamento, de número 051, do Jornal O MILITANTE, seu porta-voz e órgão informativo da militância, um novo formato de comunicação, coadunado de forma simultânea como um Jornal Informativo da militância do MPS, mas também como um órgão formador de opinião da militância do PSB. Não somos um segmento que trabalha para dentro do partido, buscamos construí-lo e fortalece-lo fora principalmente, recrutando lideranças de massa e quadros políticos que venham a fazer do PSB um partido de quadros e de massa, com atuação nas ruas e nas redes. Não queremos um partido para nós, queremos um partido para a Sociedade, ocupando espaços no Estado para muda-lo e transforma-lo. A partir de hoje, semanalmente distribuiremos o jornal O MILITANTE a cada semana com um tema diferente, com artigos e textos de antigos e novos dirigentes revolucionários, de Marx e Lenin a Antonios e José, militantes comprometidos com a luta popular e a revolução cidadã. Neste primeiro número estamos publicando textos que falam da importância de um JORNAL e quais suas principais atividades, seu papel na organização e mobilização do povo e sobre o que ele deve representar para a militância do partido. Outros temas como Formação Política, Mídia e Comunicação, Organização e Mobilização, Logística e Finanças, dentre outros serão tratados a cada número. Boa leitura.

Por Arraes, Eduardo e Julião, somos a Revolução. Venceremos.



## Hino da INTERNACIONAL

De pé, ó vítimas da fome!  
 De pé, famélicos da terra!  
 Da ideia a chama já consome  
 A crosta bruta que a soterra.  
 Cortai o mal bem pelo fundo!  
 De pé, de pé, não mais senhores!  
 Se nada somos neste mundo,  
 Sejamos tudo, ó produtores!  
**Bem unidos façamos,**  
**Nesta luta final,**  
**Uma terra sem amos**  
**A Internacional**  
 Senhores, patrões, chefes  
 supremos,  
 Nada esperamos de nenhum!  
 Sejamos nós que conquistemos  
 A terra mãe livre e comum!  
 Para não ter protestos vãoos,  
 Para sair desse antro estreito,  
 Façamos nós por nossas mãos  
 Tudo o que a nós diz respeito!  
**Bem unidos façamos,**  
**Nesta luta final,**  
**Uma terra sem amos**  
**A Internacional.**

Crime de rico a lei cobre,  
 O Estado esmaga o oprimido.  
 Não há direitos para o pobre,  
 Ao rico tudo é permitido.  
 À opressão não mais sujeitos!  
 Somos iguais todos os seres.  
 Não mais deveres sem direitos,  
 Não mais direitos sem deveres!  
**Bem unidos façamos,**  
**Nesta luta final,**  
**Uma terra sem amos**  
**A Internacional.**  
 Abomináveis na grandeza,  
 Os reis da mina e da fomalha  
 Edificaram a riqueza  
 Sobre o suor de quem trabalha!  
 Todo o produto de quem sua  
 A corja rica o recolheu.  
 Querendo que ela o restituia,  
 O povo só quer o que é seu!  
**Bem unido façamos,**  
**Nesta luta final,**  
**Uma terra sem amos**  
**A Internacional.**  
 Nós fomos de fumo  
 embriagados,

Paz entre nós, guerra aos  
 senhores!  
 Façamos greve de soldados!  
 Somos irmãos, trabalhadores!  
 Se a raça vil, cheia de galas,  
 Nos quer à força canibais,  
 Logo verá que as nossas balas  
 São para os nossos generais!  
**Bem unidos façamos,**  
**Nesta luta final,**  
**Uma terra sem amos**  
**A Internacional.**  
 Pois somos do povo os ativos  
 Trabalhador forte e fecundo.  
 Pertence a Terra aos produtivos;  
 Ó parasitas deixai o mundo  
 Ó parasitas que te nutres  
 Do nosso sangue a gotejar,  
 Se nos faltarem os abutres  
 Não deixa o sol de fulgurar!  
**Bem unidos façamos,**  
**Nesta luta final,**  
**Uma terra sem amos**  
**A Internacional.**

*Letra original em francês (ano de 1870): Eugène Pottier - Música original (ano de de 1888): Pierre  
 Degeyter Tradução original do francês para o português (ano de 1909): Neno Vasco*

# O marxista-leninista como um organizador e jornalista

*Lenin, principal liderança bolchevique durante a Revolução Russa, foi quem propôs primeiro a ideia de um partido político do proletariado centralizado democraticamente. Foto e colorização: reprodução.*



*Não é possível falar de movimento revolucionário marxista-leninista sem falar do jornal como um instrumento essencial de organização da classe trabalhadora. Nesse sentido, o acúmulo dos socialistas nesse ramo é perceptível. **THALES CARAMANTE***

*Sobre o jornal comunista já foram escritos centenas de páginas e com certeza ainda serão escritos mais milhares, mas vale a pena voltar ao quadro de um tema puramente específico, que seja útil àqueles que querem dominar com maestria a arte e ciência de agitar, propagandear e organizar as massas para a construção do socialismo.*

Falaremos do comunista como jornalista e organizador. Quando Lênin encheu as páginas do jornal *Pravda* (*A Verdade, em russo*), o fundador do bolchevismo aparecia constantemente como colunista, analista, repórter e editor. Nada era accidental: nos pequenos artigos do jornal, não apenas nos livros científicos complexos e completos, a posição do líder revolucionário era perceptível, aparecia a todos os trabalhadores e trabalhadoras de forma definida, condensada e inflamatória, com um estilo único, singular e claro. Nas colunas do jornal as posições de Lênin se manifestam de maneira muito vívida, a paciência para explicar sua posição, tato em relação aos apoiadores reais ou potenciais, aos camaradas e aos círculos de leitores do jornal *Pravda*. A prontidão e o enorme intelecto de um pensador revolucionário combinavam perfeitamente com uma mente flexível em tática e inflexível aos seus princípios, não era apenas um jornalista informativo, mas também formativo; era perspicaz no tom da polêmica, mas uma polêmica baseada em evidências praticamente inquestionáveis e bem fundamentadas, ao contrário dos jornalistas burgueses cujo fim era apenas “*gritar até que ninguém consiga ouvir a verdade, inundar tudo com abusos e berros*”.

Ao estudar os textos de Lênin, devemos nos atentar para uma constatação clara dos fatos, especialmente daqueles que permitem o melhor agrupamento de acordo com a lógica narrativa, destinada a comprovar a ideia central tática e estratégica do autor, pois nenhum escrito seu está distante do seu interesse de organizar, unificar e dar coesão à classe trabalhadora. Tudo isso era combinado com máxima precisão de estimativas e definições. Portanto, a clareza do objetivo, combinada com uma discussão sobre os meios mais adequados e apropriados para conduzi-lo, também é perceptível nos artigos de Lênin.

A qualidade técnica de sua escrita refletia seu objetivo: ter um material capaz de inflar, dar organicidade monolítica ao partido e ao povo, por isso o material deve ser claro, preciso e livre de ambiguidades. O título reflete o texto o tanto possível, as legendas, subtítulos e intertítulos evitam qualquer negligência e imprecisão, são lacônicos, curtos e cativantes. O primeiro parágrafo geralmente consiste no conteúdo do título, subtítulos (se estiverem no texto) e conclusões que seguem imediatamente, segundo o autor, de todo o material. Lênin jamais escondeu de forma alguma o fato de que, sob o pretexto de análise, ele promove agitação daqueles círculos de leitores unificados nacionalmente sob a base do jornal impresso. Agita e propagandeia — assim como todo jornal comunista ou burguês — os leitores a atuar em determinado caminho, assim, organizam. No trabalho jornalístico de Lênin, vemos como a velocidade e a eficiência da reação são importantes para a revolução como os objetivos estão prontos no horizonte, basta irmos até ele resolutamente.

Ao jornalista popular do jornal compete a si a tarefa de ser capaz de responder, como todo jornal, as perguntas: *quem, como, quanto, o que, por que, onde, quando*. Mas não basta ao jornalista marxista-leninista apenas responder apenas essas questões, não basta contar a verdade como ela é de maneira fria e mecânica sem vincular-se aos sentimentos inflamatórios e primitivos da realidade. Para *organizar* o povo é necessário sempre lembrar a décima primeira tese de Karl Marx sobre Feuerbach: Os filósofos têm apenas *interpretado* o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é *transformá-lo*. Assim, o jornalista popular marxista-leninista cumprirá um papel fundamental na construção de um jornal quinzenal, semanal e, enfim, diário.



# Lênin, Propagandista e Agitador

Nadejda Krupskaja

## Lênin propagandista

A indústria só começou a se desenvolver na Rússia depois dos outros países capitalistas: Inglaterra, França e Alemanha. Por isso, também o movimento operário começou a se desenvolver mais tarde e apenas adquiriu caráter de massa lá para a década de 90 do século passado. Por essa altura, a experiência de luta do proletariado internacional, que passara, entretanto, por várias revoluções, era já grande. Foi no fogo desse movimento revolucionário que se forjaram pensadores como Marx e Engels, cuja doutrina iluminaria o caminho a percorrer pelo proletariado. Eles demonstraram que o regime burguês estava irremediavelmente condenado, que o proletariado triunfaria de maneira inevitável, conquistando o poder, reorganizando a vida e criando uma sociedade nova, comunista.

Lênin, que na sua juventude estudou a doutrina de Marx e Engels e sobre ela meditou profundamente, compreendeu que o marxismo era um guia para a ação da classe operária na Rússia, pois só ele poderia fazer com que os operários russos deixassem de ser ignorantes escravos, oprimidos e brutalmente explorados, transformando-os em lutadores conscientes e organizados pelo socialismo, fazendo da classe operária uma força poderosa, orientando na sua esteira o grosso dos trabalhadores e pondo cobro à exploração.

A doutrina de Marx esclareceu Lênin quanto ao rumo do desenvolvimento social: *“Se a nossa propaganda – dizia Lênin – alcança êxitos, isso não acontece por virtude da nossa habilidade propagandística, mas porque afirmamos a verdade”*.

A profunda convicção é uma das características da propaganda leninista.

Lênin dominava perfeitamente a doutrina marxista; leu e releu cada uma das obras de Marx. O seu texto sobre Marx, escrito em 1914 para o Dicionário Enciclopédico de Granat, traz uma extensa bibliografia e é uma amostra do seu conhecimento da doutrina marxista. Todas as obras de Lênin o demonstram.

## O perfeito conhecimento dos assuntos em causa é a segunda característica da propaganda leninista.

Lênin conhecia a teoria marxista, todas as suas relações e conexões.

Em 1894, quando o movimento operário ainda despontava, Lênin escreveu Quem são os verdadeiros “amigos do povo” e como lutam contra a social democracia, texto onde fez a defesa da aplicação do marxismo na Rússia, de acordo com as nossas condições concretas e desde os primeiros passos do movimento operário.

É de notar que afirmou isso quando a maioria não podia assumir um papel de relevo na Rússia.

Em 1898, publicou O desenvolvimento do capitalismo na Rússia, onde demonstrou, à base de inúmeros dados, que o desenvolvimento capitalista, apesar do atraso do país, se estava a fazer na Rússia. Em 1902, Que Fazer?. Analisa aí o que deve ser o partido da classe operária na Rússia para poder conduzir a classe por uma via correta.

Em 1905, As duas táticas da socialdemocracia na revolução democrática.

Em 1907, quando a derrota da revolução de 1905 era já evidente, entre outras razões devido à insuficiente ligação do movimento operário com o campesinato, Lênin escreveu O programa agrário da socialdemocracia na primeira revolução russa, onde sublinhou a necessidade de uma sólida aliança revolucionária da classe operária e do campesinato, fundamentando toda a sua argumentação na experiência de 1905.

As questões cruciais para o movimento operário foram, todas elas, cuidadosamente estudadas à luz do marxismo por Lênin. Sabemos hoje a importância enorme que o livro de Lênin sobre o imperialismo, escrito no clímax da guerra mundial, e O Estado e a Revolução, publicado nas vésperas da Revolução de Outubro, tiveram entre nós. A relação estabelecida entre a teoria e a prática é uma particularidade das obras de Lênin: nenhuma questão prática aparece nela separada da teoria, os problemas teóricos estão estreitamente vinculados à realidade viva, e isto permite ao leitor compreender facilmente tanto uns como outros. Quer nos trabalhos científicos, quer na propaganda oral e escrita, Lênin sabia fundir a teoria com a prática.

A arte de relacionar a teoria com a realidade viva, tornando compreensível, ao mesmo tempo, a teoria e a realidade circundante, é outra das características da propaganda leninista.

Não era por serem interessantes que Lênin estudava a teoria e a realidade. Se analisava a realidade à luz do marxismo era para tirar dela as conclusões que serviram de guia para a ação. A sua propaganda ligava-se de perto ao que, a cada momento, impunha-se fazer. Na Conferência sobre a Comuna de Paris, realizada na Suíça pouco depois da Revolução de Fevereiro de 1917, Lênin não tratou apenas de como os operários parisienses ganharam o poder em 1871 e do juízo de Marx sobre a Comuna, mas também o que os operários russos teriam que fazer quando conquistassem o poder. Isto explicava como Lênin sabia fazer da teoria um guia para a ação. A arte de arvorar a teoria em guia para a ação é outra das características da propaganda leninista.

Apesar da amplitude dos seus conhecimentos e da vasta experiência de propagandista – as suas conferências e artigos de propaganda são

numerosíssimos – Lênin preparava meticulosamente cada intervenção, cada conferência ou relatório. Os numerosos papéis das conferências de Lênin que se conservam, permitem-nos observar como ele pesava escrupulosamente as suas intervenções e a sua arte de destacar o mais necessário, o essencial, e ilustrar os seus pensamentos com exemplos brilhantes.

A preparação cuidadosa de cada intervenção, outra característica da propaganda leninista.

Lênin, nas suas intervenções, não ladeava os problemas delicados nem os atenuava, pelo contrário, colocava-os concretamente, de maneira nua e crua. Por vezes, agudizava mesmo as questões, não se assustando com as palavras fortes: considerava que a linguagem do propagandista não podia ser desapaixonada, semelhante ao murmúrio tranquilo de um regato. Ainda que por vezes falasse com brusquidão, com rudeza, as suas palavras ficavam gravadas na memória, emocionavam e atraíam.

Colocar frontalmente os problemas e suggestionar o público pela fogosidade: eis o método da propaganda leninista.

Lênin estudava atentamente as massas, conhecia as suas condições de trabalho, as suas condições de vida e os problemas concretos que as afligiam. Quando falava às massas, procurava uma linguagem que lhes fosse comum. Nas conferências e palestras tomava em consideração o que nesse momento mais preocupava o auditório, o que o auditório tinha mais dificuldade em compreender e o que lhe parecesse mais importante. Era pelo grau de atenção dos ouvintes, pelas perguntas e contestações que faziam, que Lênin se regulava para apreciar o estado de espírito do público, falar do que lhe interessava, explicar o que eles viam claramente e identificar-se com eles.

Lênin sabia identificar-se com o auditório e criar uma atmosfera de mútua compreensão.

E, finalmente, é de referir que, perante as massas, Lênin dava força às suas palavras. Falava com os operários, os camponeses pobres e médios e os soldados vermelhos de maneira chã, como camarada, como iguais. Não eram para Lênin “objetos de propaganda”, mas pessoas vivas que tinham sofrido e pensado muito, que exigiam atenção para as suas necessidades. “Falava a sério conosco”, diziam os operários, e apreciavam a sua lhaneza, simplicidade e camaradagem. Os ouvintes notavam que Lênin se preocupava com as questões que abordava e isso era, para eles, o mais convincente.

A simplicidade com que explicava as suas ideias e a camaradagem que punha no trato com os ouvintes davam força à propaganda de Lênin, faziam-na particularmente frutífera e eficaz, como agora se diz. A propaganda, a agitação e a organização não estão separadas por muralhas intransponíveis. O

propagandista que saiba comunicar ao público o seu entusiasmo é, ao mesmo tempo, um agitador. O propagandista que saiba converter a teoria em guia para a ação facilita indubitavelmente o trabalho do organizador.

Na propaganda de Lênin as notas de agitação ressoavam vigorosamente e era dada toda a importância aos problemas de organização, o que não diminuía a força e a transcendência da propaganda.

Aprendamos, pois, com o Lênin propagandista.

#### Lênin agitador

*“A nossa doutrina não é um dogma, mas um guia para ação”*, diziam Marx e Engels. Lênin repetia frequentemente estas palavras. Toda sua atividade se orientou no sentido de fazer do marxismo o guia para a ação da classe operária.

Quando chegou a Petersburgo, em 1893, começou a explicar aos operários dos círculos como é que Marx concebia a situação e a tendência para o desenvolvimento da sociedade, ressaltando a importância que Marx dava à classe operária, à sua luta contra os capitalistas e explicando as razões que o levavam a dizer que o triunfo da classe operária era inevitável. Lênin procurava falar com a maior simplicidade, dando exemplos da vida dos operários russos. Via que os operários o escutavam com um grande interesse e assimilavam os fundamentos da doutrina de Marx, mas notava que não bastava falar, que era “necessário desenvolver amplamente a luta de classes”, que era preciso mostrar como isso se poderia fazer e destacar os problemas em torno dos quais se deveria organizar a luta. A tarefa consistia em pegar os fatos que mais preocupavam os operários, explicá-los e mostrar o que importava fazer para acabar com eles, ou modificá-los. Por exemplo: algumas das coisas que mais preocupavam os operários na década de noventa era a duração da jornada de trabalho, as multas, os descontos e o tratamento grosseiro. O círculo de Lênin resolveu mandar um camarada a certas fábricas para ajudar os operários a formular as reivindicações à administração. Depois imprimiam tarjetas que os operários apoiavam, unânimes. A agitação punha as massas operárias em movimento.

*“A propaganda deve estar indissoluvelmente ligada à agitação entre os operários; essa agitação passa naturalmente ao primeiro plano em virtude das atuais condições políticas da Rússia e o nível de desenvolvimento das massas operárias”*, escrevia Lênin, em 1897, no texto *As tarefas da socialdemocracia russa*. *“A agitação entre os operários se faz com a participação dos socialdemocratas em todas as manifestações espontâneas da luta da classe operária, em todos os*

*conflitos entre operários e capitalistas por causa da jornada de trabalho, do salário, das condições de trabalho, etc., etc. A nossa tarefa consiste em fundir a nossa atividade com os problemas práticos, cotidianos, da classe operária, ajudar os operários a se orientarem nestas questões, despertar a atenção dos operários para os principais abusos de que são alvo, ajudá-los a formular, da maneira mais exata e prática, as reivindicações perante os patrões, desenvolver nos operários a consciência da sua solidariedade, a consciência da comunidade de interesses e da comunidade da causa de todos os operários russos como classe operária única, parte do exército mundial do proletariado”.*

Em 1906, tratando de como os encarregados da agitação eleitoral socialdemocratas deviam fazer entre os camponeses, [Lênin](#) escreveu:

*“... a simples repetição da palavra ‘classe’ é insuficiente para demonstrar o papel de vanguarda do proletariado na atual revolução. A exposição da nossa doutrina socialista e da teoria geral do marxismo não bastam para demonstrar o papel da vanguarda do proletariado. Para o fazer, é necessário saber demonstrar com fatos, quando se analisam os problemas candentes da revolução atual, que os militantes do partido operário defendem com mais consequência, acerto, energia e habilidade que ninguém os interesses desta revolução e seu completo triunfo”.*

A agitação, segundo [Lênin](#), liga a teoria com a prática. Nisso reside a sua força.

A agitação desempenhou um papel muito importante na luta econômica dos operários, ensinando-os a utilizar a greve como método de luta contra os capitalistas e propiciando a conquista de algumas melhorias para a classe operária.

Com o entusiasmo pelos êxitos na luta econômica, surgiu no seio da socialdemocracia a corrente do “[economismo](#)”, que se caracterizava pelo menosprezo da teoria marxista, pelo culto da espontaneidade, pela tendência para reduzir as tarefas do proletariado à luta pela melhoria da sua situação econômica e pelo afã de restringir a agitação política entre os operários: “Sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário” – escreveu [Lênin](#), em 1902, no [Que Fazer?](#), saindo ao

caminho dos economistas. “Nunca é demais insistir nesta ideia numa altura em que à prédica posta em voga pelo oportunismo se junta um devotamento pelas formas mais estreitas da atividade prática”.

A agitação é um método para fomentar a atividade das massas, e não são os marxistas os únicos a utilizarem-na; a burguesia tem uma enorme e velha experiência neste sentido. Mas uma e outra agitação são em absoluto distintas. Só “a justa solução teórica [assegura](#) o êxito sólido da agitação”, dizia [Lênin](#) no II Congresso do Partido.

O menosprezo pela teoria e a subestimação da sua importância – “absolutamente independente da vontade de quem a faz” – significa “fortalecer a influência da ideologia burguesa sobre os operários”. Deste modo, o fundamental, aquilo que [Lênin](#) dava importância, é o conteúdo da agitação.

[Lênin](#) se opunha a que a agitação se reduzisse exclusivamente aos apelos e exigia que ela se ligasse ao trabalho de esclarecimento.

[Lênin](#) considerava que a força da agitação estava no trabalho de esclarecimento, convenientemente organizado, simples e claro na forma.

*É preciso “falar numa linguagem simples e clara, acessível às massas, abandonando decididamente a artilharia pesada dos vocábulos sábios, das palavras estranhas, as palavras-de-ordens, definições e conclusões aprendidas de antemão, mas que as massas ainda não entendem, nem conhecem” – escrevia [Lênin](#), em 1906, num artigo intitulado A socialdemocracia e os acordos eleitorais.*

Isso não significa, evidentemente, que [Lênin](#) negasse a utilidade das palavras-de-ordens.

[Lênin](#) condenava a demagogia, a excitação dos maus instintos das massas, aproveitando a sua ignorância. Afirmava: “... não me cansarei de repetir que os demagogos são os piores inimigos da classe operária”. A demagogia e as falsas promessas indignavam-no. O que os [socialista-revolucionários](#) prometeram aos camponeses!

[Lênin](#) nunca prometeu aos camponeses nada em que não acreditasse profundamente. Não admitia que, com a finalidade de se obterem êxitos, calassem-se os nossos objetivos socialistas, a nossa posição nitidamente classista. As massas apercebiam-se disso e compreendiam que [Lênin](#) falava “a sério” com elas (como dizia um operário ao recordar as intervenções de [Lênin](#), em 1917). Atacava fogueiramente os [economicistas](#) que procuravam restringir o conteúdo da agitação. Em *As tarefas da socialdemocracia russa* (1897) [Lênin](#) afirmava:

*“Se não há no campo econômico problema da vida operária que não*



seja utilizável para a agitação econômica, também não há no campo político problema algum que não sirva para a agitação política. Estes dois tipos de agitação estão indissolivelmente ligados na atividade dos social-democratas, como o estão entre si as duas faces de uma medalha. Tanto a agitação política como a econômica são de igual modo indispensáveis para o desenvolvimento da consciência de classe do proletariado; tanto a agitação política como a econômica são de igual modo importantes para a direção da luta de classes dos operários russos, pois toda a luta de classes é luta política”.

“... A agitação multilateral é precisamente o foco onde coincidem os interesses candentes da educação política do proletariado e os interesses candentes de todo o desenvolvimento social e de todo o povo, de todos os elementos democráticos que nele existem. O nosso dever é nos metermos em todas as questões levantadas pelos liberais, definir a nossa posição de socialdemocratas perante eles e tomar providências necessárias para que o proletariado participe ativamente na sua solução e obrigue a resolvê-las à sua maneira.”... “Será possível nos limitarmos à propaganda da ideia de que a classe operária é hostil à autocracia? Naturalmente que não. Não basta **explicar** a opressão política a que os operários estão sujeitos (da mesma maneira que não bastava **explicar-lhes** o antagonismo entre os seus interesses e o dos seus patrões). É necessário fazer a agitação em volta de cada manifestação concreta dessa opressão (como começamos a fazê-la a propósito das manifestações concretas da opressão econômica). E dado que as mais diversas classes são vítimas **desta** opressão, dado que se manifesta nos mais diferentes aspectos da vida e da atividade sindical, civil, pessoal, familiar, religiosa, científica, etc., etc., é ou não evidente que **não cumpriríamos a nossa missão** de desenvolver a consciência política dos operários se não nos **comprometêssemos** a organizar uma **vasta campanha de denúncias** da autocracia? Porque, para fazer agitação a propósito das

manifestações concretas da opressão, é preciso denunciar essas manifestações (do mesmo modo que para fazer agitação econômica era necessário denunciar os abusos perpetrados nas fábricas).”

A Iskra, periódico clandestino editado no estrangeiro, teve ao seu cargo a denúncia política. De acordo com a intenção de Lênin, o periódico deveria converter-se num propagandista coletivo que contribuísse para fundir a atividade das massas numa única torrente e para colocar os problemas mais importantes.

“... Toda a vida política – escrevia Lênin, em 1902, no Que Fazer? – é uma cadeia sem fim formada por uma série infinita de elos. A arte do político está precisamente em achar e segurar com força o elo mais difícil de arrancar das mãos, o elo mais importante num momento determinado, e que garanta tanto quanto possível a quem o possua a posse de toda a cadeia...”.

A Iskra, dirigida por Lênin, sabia escolher os problemas mais importantes e desenvolvia em seu torno uma ampla agitação.

Uma organização política adequadamente estruturada, que abarcasse as imensas massas trabalhadoras, elevava o papel do agitador.

O agitador – dizia Lênin – é um tribuno popular que sabe falar às massas, comunicar-lhes o seu entusiasmo e agarrar os fatos mais salientes e elucidativos. O discurso de um tribuno popular deste tipo encontra sempre eco nas massas e é apoiado pela energia da classe revolucionária.

Lênin foi um agitador, um tribuno popular deste tipo. No verão de 1905, Lênin escreveu em As duas táticas da socialdemocracia na Revolução Democrática que

“toda a ação do POSDR se cristalizou já num marco definitivo, consistente e invariável, que garanta incondicionalmente a fixação do centro da gravidade na propaganda e na agitação, nos comícios relâmpagos e nas reuniões de massa, na difusão de prospectos e folhetos, na contribuição para a luta econômica e no apoio das suas palavras-de-ordens”.

Mas, se agitação entrou já no âmbito do trabalho prático e adquiriu formas determinadas, isso não significa que Lênin tolerasse, um momento sequer, que ela se transforme num chavão.

Lênin exigia que se abordassem as diferentes camadas da população de maneiras diversas. Qualquer social-democrata que pronuncie, seja onde seja, um discurso político, tem de falar sempre obrigatoriamente da república. Mas é necessário saber falar da república. Não se pode falar dela nos

mesmos termos num comício, numa fábrica e numa aldeia cossaca, numa reunião de estudantes ou num casebre de camponeses, nas tribunas da [III Duma](#) e nas páginas de uma publicação editada no estrangeiro.

“A arte de qualquer propagandista e de qualquer agitador consiste precisamente em influenciar o melhor possível cada auditório dado, apresentando as verdades conhecidas da forma mais convincente, compreensível e assimilável”, escreveu [Lênin](#), em dezembro de 1911.

Isto, evidentemente, não significa que se deva falar a uns de uma coisa e a outros de outra. Trata-se apenas da maneira de abordar a questão. Recordo-me dos anos que vivemos em Paris e frequentávamos sessões eleitorais. [Lênin](#) interessava-se particularmente pela maneira como os socialistas falavam nas reuniões públicas. Lembro-me que uma vez ouvimos um socialista discursar num comício operário e voltamos depois a ouvi-lo numa reunião de intelectuais, onde predominavam professores. O conferencista disse na segunda reunião precisamente o contrário do que tinha dito na primeira. Desejava apenas ter o maior número de votos nas eleições. [Lênin](#) ficou indignado: o conferencista mostrava-se radical perante os operários e oportunista perante os intelectuais.

[Lênin](#) considerava de grande importância o saber explicar as palavras-de-ordens gerais, baseando-se nas questões locais.

“É necessário utilizar o melhor possível o órgão central na agitação local: reimprimindo-o, **explicando** em panfletos as ideias e as palavras-de-ordens, desenvolvendo-as ou modificando-as consoante as condições locais, etc.”, eis o que [Lênin](#) afirmava, em 1905, em nome da redação do [Proletari](#) no periódico *Rabochi*<sup>(1)</sup>.

Nunca se cansava de insistir para que se mudassem as massas, para que se lhes falasse habilmente. [Lênin](#) estudava constantemente as massas, sabia escutá-las, compreender o que diziam, e captar a essência do que o operário e o camponês pretendiam expor.

Ao falar da ditadura do proletariado e de como os comunistas se devem preparar para ela, [Lênin](#) disse nas *Teses acerca das tarefas fundamentais do II Congresso da Internacional Comunista* (julho de 1920):

*“A ditadura do proletariado é o pleno exercício da direção de todos os trabalhadores e explorados – aqueles que a classe capitalista oprimia, vexava, perseguia, desunira e enganava – pela única classe que o desenvolvimento histórico do capitalismo preparou para esta função dirigente. Daí que a preparação da ditadura do proletariado deve ser*

*iniciada desde já por toda a parte, da seguinte maneira, entre outras”.*

Depois de sublinhar a necessidade de organizar células comunistas, [Lênin](#) prossegue:

*“... estas células estreitamente ligadas entre si e com os órgãos centrais do Partido, permutando entre si suas experiências, realizando um trabalho de agitação, de propaganda e de organização, e adaptando-se a todas as esferas da vida social, a todas as categorias e setores das massas trabalhadoras, devem educar-se a si mesmas com regularidade através deste trabalho multilateral e educar o Partido, a classe e as massas”.*

E mais adiante:

*“... no que se refere às massas, é preciso aprender a abordá-las do modo mais paciente e cauteloso, para chegar a compreender as particularidades e os aspectos originais da psicologia de cada camada, profissão, etc.”.*

**Aprender a abordar as massas**, era nisso que [Lênin](#) via a preparação do Partido para a ditadura do proletariado. Foi isso o que aprendeu com particular tenacidade durante toda a sua vida.

[Lênin](#) NÃO TOLERAVA NENHUM CHAVÃO NA ESCOLHA DAS PALAVRAS-DE-ORDENS em torno das quais a agitação era feita. Dava grande importância à sua escolha. Num relatório sobre os partidos pequeno-burgueses apresentado a uma reunião de funcionários do Partido, em novembro de 1918, [Lênin](#) assinalou que: “toda a palavra-de-ordem se pode tornar mais rígida que o necessário”.

Ele dava uma extraordinária importância à flexibilidade na agitação, à arte de escolher numa cadeia de fatos o elo que permitisse arrastar toda a cadeia, ou seja, elucidar todo o conjunto de fenômenos.

Quando, nos inícios da década de 90, entrei para um círculo estudantil, sem ser ainda marxista, os camaradas deram-me para ler as *Cartas Históricas*, de Mirtov ([Lavrov](#)). As Cartas me impressionaram imensamente. Anos depois, na deportação em Shishenkoie, [Lênin](#) e eu conversamos sobre este tema. Eu falava delas com muita “suavidade”. [Ilich](#) criticava-as numa perspectiva marxista. O meu último argumento foi este: “não terá acaso razão [Lavrov](#) quando diz: ‘A bandeira que é revolucionária num momento, poderá ser reacionária no momento seguinte?’”. [Ilich](#) me respondeu que esse pensamento era correto, o que, no entanto, não fazia que todo o livro também o fosse.

Ao longo de toda a sua atividade, o Partido, mantendo-se fiel aos seus princípios fundamentais, teve de constantemente mudar as palavras-de-ordens



de acordo com as mutações das condições. E as condições de trabalho mudavam sem cessar. No Verão de 1905, [Lênin](#) escreveu aos camaradas da Rússia que era muito importante dar a conhecer aos operários que o órgão central do Partido se editava clandestinamente no estrangeiro com uma tiragem de dois mil exemplares e a sua difusão se fazia ilegalmente. Aos operários apenas chegavam alguns desses exemplares. Mas, ao cabo de uns meses, as condições mudaram radicalmente.

*“Agora, a tribuna de onde podemos influir mais amplamente sobre o proletariado é o diário de Petersburgo (podemos publicar dez mil exemplares e reduzir o preço de venda até um copeque)”, escreveu [Lênin](#) a Plekanov, nos fins de outubro de 1905.*

Em dezembro de 1911, Lênin expôs a importância enorme da “Duma do Estado como tribuna de agitação”. Essa importância era também compreendida pelos liberais, os kadetes, que já na segunda Duma insistiam no fato de os bolcheviques terem abandonado este ponto de vista sobre a Duma. Quando mudavam as condições, repito, mudavam as palavras-de-ordens.

Em 1897, Lênin assinalou no folheto As tarefas dos social-democratas russos que não se deviam dispersar, mas sim, concentrar todas as forças no trabalho entre o proletariado das cidades. Fazer nesse momento agitação nas aldeias seria gastar inutilmente as energias. Mas, em 1907, Lênin escreveu:

*“É preciso decuplicar o nosso trabalho de agitação e organização entre os camponeses, entre os que nas aldeias passam fome e entre os que no Outono passado mandaram os seus filhos para o exército e viveram aí o grande ano da revolução”.*

A arte de apreciar cada momento de um ponto de vista marxista, de analisar os acontecimentos em todas as suas conexões, consequência e desenvolvimento, e de determinar o que a classe operária necessita num momento dado para triunfar, a consideração dialética marxista, dos momentos vívidos apetrechou o Partido com a arte de escolher corretamente as palavras-de-ordens e de agarrar o elo fundamental. [Lênin](#) deu uma contribuição particularmente valiosa à análise das tarefas do Partido em cada etapa.

A escolha correta das palavras-de-ordens ligava a teoria com a prática e dava particular eficácia à agitação. A palavra-de-ordem da “paz” e a palavra-de-ordem da “terra”, lançadas antes de Outubro pelos [bolcheviques](#), asseguraram o triunfo da classe operária e calaram profundamente no espírito dos camponeses e dos soldados. [Lênin](#) qualificava de fraseologia revolucionária as palavras-de-ordens que, mesmo brilhantes, não se baseavam na situação real.

Quando, em 1918, colocou-se o problema de aceitar as duríssimas condições de paz com a Alemanha, e alguns, opondo-se à conclusão da paz, falavam da guerra revolucionária, [Lênin](#) criticou-os num artigo intitulado *Acerca dos compromissos*:

*“A fraseologia revolucionária é a repetição de palavras-de-ordens revolucionárias sem ter em conta as circunstâncias objetivas, a marcha dos acontecimentos e a situação das coisas. Palavras de ordens magníficas, sugestivas, embriagadoras, mas sem base firme, eis a essência da fraseologia revolucionária”, escreveu [Lênin](#). “Quem não queira adormecer com palavras, discursos e exclamações – prossegue – não pode deixar de ver que a palavra-de-ordem de guerra revolucionária, em fevereiro de 1918, é uma palavra-de-ordem atrás da qual nada há de real e de objetivo. Sentimento, desejo, irritação, indignação, eis o único conteúdo desta palavra-de-ordem nos momentos atuais. À palavra-de-ordem que apenas tenha um conteúdo semelhante dá-se o nome de fraseologia revolucionária”. “O trabalho de agitação política nunca se faz em vão”, escrevia [Lênin](#), em 1908, quando a reação atingia o seu apogeu. “O seu êxito não se mede apenas pelo fato de a conseguirmos fazer agora e que a maioria tenha concordado numa ação política coordenada. Há, no entanto, a possibilidade de não conseguirmos isso: mas precisamente porque somos um partido proletário organizado não devemos nos deixar perturbar pelos reveses transitórios, fazendo o **nosso trabalho** com tenacidade, de maneira imutável, inclusive, nas condições mais difíceis”.*

A vida demonstrou que [Lênin](#) tinha razão. Em 1912, começou o afluxo revolucionário e reviveram-se as tradições de 1905, que contribuíram para que os operários contestassem os acontecimentos do Lena com uma grandiosa greve de massas. Os operários compreenderam e ressuscitaram imediatamente esta tradição. [Lênin](#) chamava à greve revolucionária de massas o método proletário de agitação.

*“A revolução russa – escreveu [Lênin](#), em junho de 1912 – desenvolveu, pela primeira vez, em vastas proporções, este método proletário de agitação, este método de despertar, coesionar as massas e incorporá-las na luta. E agora o proletariado põe de novo em ação, e ainda com maior firmeza, este*

*método. Não há no mundo nenhuma força capaz de fazer o que a vanguarda revolucionária do proletariado faz com este método. Este imenso país com 150 milhões de habitantes, dispersos pela sua extensão gigantesca, divididos, oprimidos, sem direitos, ignorantes, afastados ‘das influências perniciosas’ por um enxame de autoridades, polícias, espões; **todo** este país entra em efervescência. Os setores mais atrasados, quer dos operários quer dos camponeses, entram em contato direto ou indireto com os grevistas. Aparecem de chofre em cena centenas de milhares de agitadores revolucionários, cuja influência se intensifica infinitamente porque estão ligados indissoluvelmente com a base, com as massas, permanecem nas suas fileiras, lutam pelas necessidades mais imediatas de **cada** família operária, enlaçam esta luta direta pelas necessidades econômicas imediatas com o protesto político e a luta contra a monarquia. A contrarrevolução inculcou em milhões e dezenas de milhões de homens o ódio profundo à monarquia, os germens de compreensão do seu papel, e agora a palavra-de-ordem dos operários avançados da capital – “Viva a República Democrática” – flui sem cessar através das milhares de condutas que vão de cada greve para os setores mais atrasados, para as províncias mais distantes, para o ‘povo’, ‘para as profundezas’ da Rússia”.*

As massas convencem-se com fatos, não acreditam nas palavras, mas nos atos. Na sua intervenção ao III Congresso dos Sovietes, Lênin afirmou:

*“Sabemos que se levanta agora outra voz entre as massas populares; elas dizem a si próprias: a partir de agora não devemos temer o homem da espingarda porque defende os trabalhadores e afastará implacavelmente a dominação dos exploradores. O povo se deu conta disso, e, por isso, a agitação feita pelas pessoas simples e pouco instruídas, quando dizem que os guardas vermelhos dirigem todo o seu poder contra os exploradores, é uma agitação invencível”.*

Durante a guerra civil, a agitação adquiriu proporções extraordinárias. O Comitê Central Executivo da

Rússia organizou então comboios e barcos de agitação. Vladimir Ilich deu extrema atenção a este trabalho e dispôs algumas indicações acerca da escolha do pessoal, do caráter da agitação e de como se devia tomar em conta o trabalho já realizado.

Os decretos do Poder Soviético tinham igualmente grande relevância no terreno da propaganda e da agitação. Lênin escreveu:

*“... Se renunciássemos a apontar nos decretos o caminho a seguir, trairíamos o socialismo. Estes decretos que puderam imediatamente ser aplicados na íntegra, desempenharam um importante papel do ponto de vista da propaganda. Se anteriormente tínhamos feito a nossa propaganda na base das verdades comuns, hoje **temos de a fazer com o nosso trabalho**. Este também é propaganda pela ação, e não no sentido de ações isoladas de alguns indivíduos, que tanta chacota nos provocaram na época dos anarquistas e do velho socialismo. Os nossos decretos são apelos, mas não no velho estilo: “Operários, levantai-vos e derrubai a burguesia!”. Não, são exortações às massas, são apelos a ações práticas. Os decretos são **instruções que convidam à ação prática das massas. Isso é o essencial**”.*

#### **LÊNIN RELACIONAVA A AGITAÇÃO COM A PROPAGANDA E COM A ORGANIZAÇÃO.**

*“A agitação ajuda as massas a se organizar – dizia Lênin –, coesiona-as e ajuda-as a atuar em uníssono”.*

A agitação teve importância organizativa nos momentos da revolução, mas não a tem menos na fase da construção do socialismo. As formas de agitação mudam, mas a agitação continua a ter importância organizativa e, principalmente, a **AGITAÇÃO PELOS ATOS, PELO TRABALHO E PELO EXEMPLO**. Lênin dava particular importância à **agitação pelo exemplo**. No artigo Tarefas atuais do Poder Soviético, escrito entre março e abril de 1918, Lênin sublinhou a grande força de agitação que o exemplo adquiriu na sociedade soviética.

*“Com os métodos capitalistas de produção, a importância de cada exemplo isolado, suponhamos de uma cooperativa de produção, fica infalivelmente limitada ao extremo, e só uma fantasia pequeno-burguesa podia sonhar em “corrigir” o capitalismo através da influência de instituições modelo. Depois do poder político passar para as mãos do proletariado, depois da expropriação*

dos expropriadores, a situação muda radicalmente e, de acordo com as repetidas indicações de destacados socialistas, a força do exemplo adquire pela primeira vez a possibilidade de influenciar em grande escala. As comunas modelo devem servir e servirão como exemplo educador, como ensino e estímulo para as comunas atrasadas. A imprensa deve ser um instrumento para a construção do socialismo, difundido com todos os pormenores os êxitos das comunas modelo, analisando as causas dos seus êxitos, o modelo de organização das suas economias, colocando, por outro lado, na “lista negra” as comunas que obstinam em conservar as “tradições do capitalismo”, quer dizer, a anarquia, a folgança, a desordem, a especulação”.

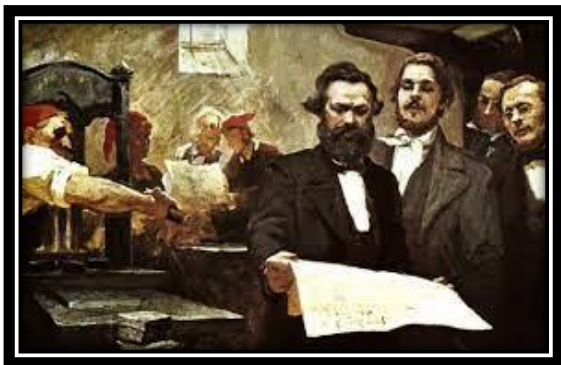
Lênin dava enorme importância à Emulação Socialista como meio de agitação.

Quando a guerra civil estava prestes a acabar, Lênin assinalou que a propaganda e a agitação deveriam ser dirigidas para outros fins, ligando-se o mais estreitamente possível à construção socialista e, sobretudo, às tarefas de edificação econômica e da economia planificada.

“A propaganda do velho tipo – dizia Lênin – fala e dá exemplos do que é comunismo. Mas essa velha propaganda não serve para nada, porque é preciso mostrar como é que se deve construir o socialismo. Toda a propaganda deve basear-se na

#### **Notas de rodapé:**

(1) *Jornal clandestino, editado pela social-democracia russa, sob a responsabilidade do Comitê Central do POSDR, publicou-se em Moscou, de agosto a outubro de 1905. (retornar ao texto)- Obras Publicadas: Carta aos foreiros de Pernambuco, 1946; Cachaça, 1951; Irmão Juazeiro, 1961; Cartilha do Camponês; ABC do Camponês; Carta de Alforria do Camponês; Cambão: a cara oculta do Brasil, 1968; Os últimos soldados de Zapata, 1986; O que são as ligas camponesas?, 1962. LINK - <https://www.marxists.org/portugues/krupskaja/1939/mes/lenin.htm>*



**Foto 01**



**Foto 02**

**Foto 01, Marx e Engels imprimindo o Jornal GAZETA RENANA. Foto 02, Lenin e Martov com o Jornal PRAVDA.**



# O Jornal e os Operários

**Antônio Gramsci**

É a época da publicidade para as assinaturas. Os diretores e os administradores dos jornais burgueses arrumam as suas vitrines, passam uma mão de tinta pela tabuleta e chamam a atenção do passante (isto é, do leitor) para a sua mercadoria. A mercadoria é aquela folha de quatro ou seis páginas que todas as manhãs ou todas as tardes vai injetar no espírito do leitor os modos de sentir e de julgar os fatos da atualidade política que mais convém aos produtores e vendedores de papel impresso. Estamos dispostos a discorrer, com os operários especialmente, sobre a importância e a gravidade daquele ato aparentemente tão inocente que consiste em escolher o jornal que se pretende assinar? É uma escolha cheia de insídias e de perigos que deveria ser feita com consciência, com critério e depois de amadurecida reflexão. Antes de mais, o operário deve negar decididamente qualquer solidariedade com o jornal burguês. Deveria recorda-se sempre, sempre, sempre, que o jornal burguês (qualquer que seja sua cor) é um instrumento de luta movido por idéias e interesses que estão em contraste com os seus. Tudo o que se publica é constantemente influenciado por uma idéia: servir a classe dominante, o que se traduz sem dúvida num fato: combater a classe trabalhadora. E, de fato, da primeira à última linha, o jornal burguês sente e revela esta preocupação. Mas o pior reside

nisto: em vez de pedir dinheiro à classe burguesa para o subvencionar a obra de defesa exposta em seu favor, o jornal burguês consegue fazer-se pagar pela própria classe trabalhadora que ele combate sempre. E a classe trabalhadora paga, pontualmente, generosamente. Centenas de milhares de operários contribuem regularmente todos os dias com seu dinheiro para o jornal burguês, aumentando a sua potência. Porquê? Se perguntarem ao primeiro operário que encontrarem no elétrico ou na rua, com a folha burguesa desdobrada à sua frente, ouvirão esta resposta: É porque tenho necessidade de saber o que há de novo. E não lhe passa sequer pela cabeça que as notícias e os ingredientes com as quais são cozinhadas podem ser expostos com uma arte que dirija o seu pensamento e influa no seu espírito em determinado sentido. E, no entanto, ele sabe que tal jornal é conservador, que outro é interesseiro, que o terceiro, o quarto e quinto estão ligados a grupos políticos que têm interesses diametralmente opostos aos seus. Todos os dias, pois, sucede a este mesmo operário a possibilidade de poder constatar pessoalmente que os jornais burgueses apresentam os fatos, mesmo os mais simples, de modo a favorecer a classe burguesa e a política burguesa com prejuízo da política e da classe operária. Rebenta uma greve? Para o jornal burguês os operários nunca têm razão. Há

manifestação? Os manifestantes, apenas porque são operários, são sempre tumultuosos, facciosos, malfeitores.

O governo aprova uma lei? É sempre boa, útil e justa, mesmo se não é verdade. Desenvolve-se uma campanha eleitoral, política ou administrativa? Os candidatos e os programas melhores são sempre os dos partidos burgueses. E não falemos daqueles casos em que o jornal burguês ou cala, ou deturpa, ou falsifica para enganar, iludir e manter na ignorância o público trabalhador. Apesar disto, a aquiescência culposa do operário em relação ao jornal burguês é sem limites. É preciso reagir contra ela e despertar o operário para a exata avaliação da realidade. É preciso dizer e repetir que a moeda atirada distraidamente para a mão do ardina é um projétil oferecido ao jornal burguês que o lançará depois, no momento oportuno, contra a massa operária.

Se os operários se persuadirem desta elementaríssima verdade, aprenderiam a boicotar a imprensa burguesa, em bloco e com a mesma disciplina com que a burguesia boicota os jornais dos operários, isto é, a imprensa socialista.

Não contribuam com o dinheiro para a imprensa burguesa que vos é adversária: eis qual deve ser o nosso grito de guerra neste momento, caracterizado pela campanha de assinaturas, feitas por todos os jornais burgueses. Boicótem, boicótem, boicótem!

**LINK** - <https://www.marxists.org/portugues/gramsci/1916/mes/jornais.htm>



# O Que é um “Jornal de Massas”?

**Leon Trotsky**

Aos membros do Grupo Bolchevique-Leninista [partidários da Quarta Internacional na França]:

Eu acabei de saber que minha carta ao Secretariado Político sobre o novo “jornal de massas” [“Giro para as Massas!”] foi lida para a assembleia geral. Eu só posso ficar feliz caso ela tenha sido bem-sucedida em esclarecer um pouco a situação. Eu me dirigi primariamente ao Secretariado Político na esperança de que a questão poderia ser resolvida sem uma nova discussão sobre os fundamentos decididos na última conferência nacional. Mas aconteceu que os impulsionadores de La Commune [o autoaclamado “jornal de massas” organizado por Pierre Frank e Raymond Molinier], depois de terem preparado sua empreitada fora da organização, e de fato contra ambas as organizações nacional e internacional, decidiram provocar uma discussão depois do fato consumado. Nessas circunstâncias, talvez fosse de algum valor que eu expandisse de maneira mais precisa as críticas e sugestões contidas em minha carta ao Secretariado Político.

1. O que é um “jornal de massas”? A pergunta não é nova. Pode-se dizer que toda a história do movimento revolucionário tem sido perpassada por discussões sobre o “jornal de massas”. É o dever elementar da organização revolucionária tornar o seu jornal político o mais acessível possível para as massas. Essa tarefa não pode ser efetivamente resolvida exceto em função do crescimento da organização e de seus quadros, que devem pavimentar o caminho para as massas pelo jornal – já que não basta, é claro, chamar uma publicação de “jornal de massas” para que as massas realmente o aceitem.

Mas, muito frequentemente, a impaciência revolucionária (que facilmente se transforma em impaciência oportunista) leva à seguinte conclusão: as massas não vêm até nós porque nossas ideias são complicadas demais e nossas palavras de ordem avançadas demais – ou seja, deve-se jogar fora alguns entulhos. Basicamente, isso significa: nossas palavras de ordem devem corresponder não à situação objetiva, não à relação de classes analisada pelo método marxista, mas a observações subjetivas (e extremamente superficiais e inadequadas) sobre o que as “massas” podem e não podem aceitar. Mas quais massas? A massa não é homogênea. Ela se desenvolve. Ela sente a pressão dos eventos. Ela aceitará amanhã o que não aceita hoje. Nossos quadros vão desbravar o caminho com crescente sucesso para nossas ideias e palavras de ordem, as quais vão se mostrar corretas porque são confirmadas pela marcha dos eventos e não por observações subjetivas e pessoais.

2. Um jornal de massas se distingue de uma publicação teórica ou de uma revista de quadros não

pelas palavras de ordem, mas pela maneira com a qual são apresentadas. A revista de quadros elabora para seus leitores todas as etapas da análise marxista. O jornal de massas apresenta apenas seus resultados, baseando-se ao mesmo tempo na experiência imediata das próprias massas. É muito mais difícil escrever de forma marxista para as massas do que escrever para os quadros.

3. Vamos supor por um momento que o GBL [Grupo Bolchevique-Leninista] consentisse em “simplificar” nosso programa, renunciando às palavras de ordem do novo partido e da Quarta Internacional, renunciando às críticas implacáveis aos social patriotas (chamando-os pelo nome), renunciando às críticas sistemáticas contra a Esquerda Revolucionária e especialmente de [seu dirigente [Marceau Pivert](#)]. Eu não sei se um jornal como esse se tornaria, com a ajuda de uma varinha mágica, um jornal de massas. Eu duvido. Mas ele iria certamente se tornar um jornal partidário do SAP [grupo centrista alemão] ou de [Pivert](#). A essência da corrente de [Pivert](#) é precisamente essa: aceitar as palavras de ordem “revolucionárias”, mas não retirar delas as conclusões necessárias, que são um rompimento com [Blum](#) e [Zyromsky](#) [dirigentes da socialdemocracia francesa], a criação de um novo partido e de uma nova Internacional. Sem isso, todas as palavras de ordem “revolucionárias” se tornam nulas e vazias. No presente estágio, a agitação de [Pivert](#) é um tipo de ópio para os trabalhadores revolucionários. [Pivert](#) quer ensinar-lhes que alguém pode ser a favor da luta revolucionária, da “ação revolucionária” (pegando emprestada uma frase muito em voga) e, ao mesmo tempo, permanecer em bons termos com a escória chauvinista. Tudo depende do seu tom, percebe? É o tom que faz a música. Se o tigre rosnasse o som de um pinguim, todo o mundo ficaria encantado. Mas nós, com nossa linguagem rude, devemos dizer que os líderes da Esquerda Revolucionária estão desmoralizando e prostituindo a consciência revolucionária.

Eu lhes pergunto: se vocês renunciassem às palavras de ordem que são ditadas pela situação objetiva, e que constituem a própria essência do nosso programa, em que nos distinguiríamos dos seguidores de [Pivert](#)? Em nada. Seríamos apenas pivertistas de segunda-mão. Mas se as “massas” tivessem que decidir entre os pivertistas, elas prefeririam os de primeira-mão aos de segunda.

4. Eu vou tomar o apelo impresso em “La Commune – órgão de ação (?) revolucionária (?)”. Esse documento nos provê uma demonstração impressionante (não planejada por seus autores) de algumas das ideias expressadas acima. “La Commune vai falar a linguagem das fábricas e dos campos. Ele

vai falar da miséria que lá reina; ele vai expressar suas paixões e sua inflamação para a revolta”.

Esta é uma intenção bem eloquente, embora as massas conheçam perfeitamente bem sua miséria e seus sentimentos de revolta (que são contidos pelo aparato patriótico que tem a ajuda dos pivertistas). O que as massas podem exigir de um jornal é um programa claro e uma orientação correta. Mas precisamente sobre essa questão o apelo é inteiramente silencioso. Por quê? Porque ele quer conciliar mais do que expressar. Ele aceita a receita (centrista) do SAP: ao buscar a linha de menor resistência, não dizer o que é do que é. O programa da Quarta Internacional? Isso é para “nós”, para os sabichões da liderança. E as massas? E quanto às massas? Elas podem se contentar com um quarto, ou mesmo um décimo do programa. A essa mentalidade nós chamamos de elitismo, de um tipo ao mesmo tempo oportunista e aventureiro. É uma atitude bastante perigosa, camaradas. Não é a atitude de um marxista.

Nós encontramos no apelo, depois da frase citada, uma grande quantidade de reminiscências históricas: “É aos filhos e netos da Croix-Rousse [cidade de um levante operário em 1831], àqueles que levantaram as barricadas de junho de 1848, aos comunardos de 1871, que La Commune fala”, etc. (seguido de uma retórica típica de uma Madeleine Paz). Eu não sei, honestamente, se as massas em revolta precisam de reminiscências literárias e uma retórica oca disfarçados de programa.

Mas é aí que a parte mais importante começa: “La Commune não vai se misturar à multiplicidade de tendências no movimento dos trabalhadores”. Que desprezo soberano pela “multiplicidade” de tendências existentes! O que isso significa? Se todas as tendências são erradas ou insuficientes, então os trabalhadores devem ser ensinados a distinguir entre elas. As massas devem ser chamadas a se juntar à corrente correta para combater as falsas. Mas não, os impulsionadores de La Commune, de certa forma como [o romancista pacifista] [Roman Rolland](#), colocam-se “acima da batalha”. Tal procedimento é absolutamente indigno de marxistas.

Depois disso, uma quantidade grande de nomes é proclamada com o objetivo de especificar, ainda que não muito, o caráter completamente vago do novo jornal. Eu retiro o meu próprio nome, que La Commune reivindica sem a menor justificativa. Estando entre os vivos, eu posso ao menos me defender. Mas e os demais, nossos naturais professores, os verdadeiros líderes do socialismo revolucionário? Infelizmente, eles estão indefesos. O apelo traz os nomes de [Marx](#) e [Blanqui](#). O que isso significa? Eles querem criar uma nova “síntese” entre marxismo e [blanquismo](#)? Como irão as massas se desembaraçar da combinação desses dois nomes? Um pouco adiante, encontramos [Lenin](#). Mas

os [stalinistas](#) também o reivindicam. Se vocês não explicarem às massas que vocês são contra a tendência stalinista, eles irão preferir [L’Humanité](#) [jornal dos [stalinistas](#) franceses] a La Commune. Essa combinação de nomes não explica nada. Ela só aumenta e aprofunda a ambiguidade.

E aqui está o ponto mais alto: “La Commune é lançada por militantes que pertencem a várias tendências com o objetivo de trazer à tona o surgimento de um grande exército de comunardos”. O que isso significa, esse bando desconhecido de “várias tendências” anônimas, indeterminadas? Quais tendências estão envolvidas? Por que elas (ainda desconhecidas) estão agrupadas fora e contra as outras tendências? O propósito de criar um “grande exército de comunardos” é eloquente. Mas é necessário não esquecer que esse exército, uma vez criado (1871), sofreu uma terrível catástrofe porque àquele magnífico exército faltava um programa e uma liderança.

A conclusão: o apelo poderia ter sido escrito por [Marceau Pivert](#) (em colaboração com Madeleine Paz) exceto por um ponto – o nome do autor das linhas. Mas quanto a mim, eu repito, eu me oponho implacavelmente a esse apelo equivocado e antimarxista.

5. A aderência do GBL à SFIO [Seção Francesa da Internacional Operária, socialdemocrata] provou-se absolutamente correta. Foi um passo adiante. O Congresso de Mulhouse foi o ponto mais alto da influência bolchevique-leninista na SFIO. Era necessário entender que o limite das possibilidades dentro do Partido Socialista estava sendo atingido (ao menos para os adultos). Era necessário utilizar a autoridade recém-ganha para influenciar elementos novos e virgens para fora do Partido Socialista, cuja composição social é terrível. Foi essa sugestão que eu expressei em uma carta publicada em um boletim interno do GBL (No. 6, carta de 10 de junho), e que eu recomendo aos camaradas que seja relida em conexão com a presente carta. Passando por Paris [a caminho da Noruega], eu encontrei vários camaradas, especialmente alguns dos futuros promotores de La Commune, que estavam em forte oposição à ideia de uma nova linha. Esses camaradas adquiriram um gosto pela sua atividade nos círculos reformistas e centristas e esperavam ser capazes de progredir mais e mais. Isso foi um erro. Tempo e força foram desperdiçados sem frutos, ao invés de se disputar a juventude, cuja orientação era mais correta porque se dirigida aos trabalhadores jovens fora do Partido Socialista.

Então vieram as expulsões [dos trotskistas e de outras correntes] de Lille. Eu, por minha parte, considere-as um ato de libertação, porque elas expressaram a realidade: a impossibilidade de atividades futuras frutíferas nas colunas da SFIO, especialmente com a



aproximação da guerra e a fusão com os [stalinistas](#). Parecia que o fato das expulsões havia sido tão eloquente que nos pouparia a necessidade de qualquer discussão sobre qual rumo tomar. Era necessário abrir uma ofensiva contra os que nos expulsaram, não como “divisionistas” (essa é a ladainha de [Pivert](#)), mas primariamente como os valetes do imperialismo francês. Era necessário ao mesmo tempo criticar [Pivert](#) abertamente, já que ele havia tomado o lugar de [Zyromsky](#) em encobrir a ala esquerda da Frente Popular. Era necessário desenvolver um programa de comitês de ação, para se opor à colaboração com os [liberais burgueses] Radicais, e proclamar abertamente a necessidade de preparar um novo partido para salvar o proletariado e a sua geração mais jovem. Ao invés disso, o grupo Commune buscou acima de tudo as simpatias da Esquerda Revolucionária através de manobras pessoais, por combinações íntimas e acima de tudo através da abdicação das nossas palavras de ordem e das nossas críticas aos centristas. [Marceau Pivert](#) declarou a dois ou três meses atrás que a luta contra o “trotskismo” era o sinal de uma tendência reacionária. Mas agora ele próprio, levado pelas pessoas do SAP, representa essa tendência reacionária. A Esquerda Revolucionária se tornou o obstáculo mais imediato e mais nocivo ao desenvolvimento de uma vanguarda revolucionária. Isso é o que deve ser dito abertamente e em todo lugar, ou seja, especialmente em um jornal de massas. Mas o grupo Commune foi tão longe em seu romance com os Pivertistas, que somos forçados a perguntar se esses camaradas ainda estão conosco ou se eles passaram para as posições centristas. Isso é o que se consegue quando se joga os princípios na bagagem e se adapta mais tempo do que é necessário ao aparato reformista e aos valetes centristas.

6. Nós podemos perguntar: e Révolution? Também não é o jornal de nossa tendência. Entretanto, nós participamos nele. Isso é correto, mas Révolution é o jornal de uma organização que todo o mundo conhece – os Jovens Socialistas. O jornal é liderado por duas

tendências que estão se aproximando e que devem inevitavelmente fundir. O caráter progressivo da Juventude Socialista Revolucionária é determinado precisamente por esse fato: que eles estão girando em direção aos bolcheviques-leninistas, e não em direção à Esquerda Revolucionária. (A aderência episódica do camarada Zeller à Esquerda Revolucionária, depois de tudo que aconteceu, foi um erro cuja responsabilidade deve ser compartilhada com o grupo Commune).

Révolution é um jornal com vida e em movimento, que pode se tornar o jornal da juventude proletária. Para cumprir essa tarefa, entretanto, Révolution não deve cair nas sombras da confusão de La Commune, mas sim concretizar a sua posição – ou seja, aceitar definitivamente as palavras de ordem dos Bolcheviques-Leninistas.

7. La Verité [“A Verdade”, o projeto de jornal dos trotskistas franceses] é uma absoluta necessidade. Mas ele deve se libertar das influências centristas que resultaram no apelo do La Commune. La Verité deve estabelecer o seu caráter intransigente de luta. O alvo mais importante das suas críticas deve ser a corrente de [Pivert](#), que é oposta ao leninismo e assim tornou-se, por sua própria caracterização, uma tendência reacionária.

8. Eu não quero analisar nesta carta os métodos extraordinários empregados pelo grupo Commune em relação à sua própria tendência nacional e internacional. É uma questão muito importante, no entanto secundária em comparação com a questão do programa e da bandeira.

Eu acredito, caros camaradas, que vocês tem as melhores oportunidades diante de vocês. Vocês vão finalmente colher os frutos dos seus esforços até agora, mas sob uma condição: que vocês não permitam uma confusão de tendências, de ideias ou de bandeiras; que vocês pratiquem a intransigência leninista mais do que nunca e orientem-se aberta e vigorosamente em direção ao novo partido e à Quarta Internacional.

**LINK - <https://www.marxists.org/portugues/trotsky/1935/11/30.htm> ;**



# A propaganda, nos jornais, rádios e outros meios

## Che Guevara

### APRESENTAÇÃO

*O Che escreveu um capítulo dedicado exclusivamente sobre os meios de comunicação do partido ou do movimento revolucionário, mas especificamente dado ao momento que ele vivia, em seu livro A GUERRA DE GUERRILHA, que é de fundamental importância para se estudar os meios de como se fazer a*

*comunicação entre a direção e a base e sta também com a população, estejamos nós numa guerra clássica ou numa guerra moderna, como era a tática por ele usada na guerrilha. Tudo então se misturava. Tudo era novo e necessário. Essa comunicação de então estava especificamente se desenvolvendo*

*naquele exato momento, da teoria do foquismo – TF a GPP - a guerra popular prolongada. Hoje os meios e a tecnologia que não existia na época são outros, mas a tática por ele usada, agora de forma institucional e na luta de massa ainda podem ajudar muito na luta. Vejamos.*

A ideia revolucionária deve ser difundida através de meios adequados para a maior profundidade possível. Isto requer equipamento completo e uma organização. Esta organização deve ser de dois tipos que se complementam em cobrir toda a área nacional: para propaganda original fora do território livre, isto é, da organização nacional civil; e propaganda originadas dentro, isto é, a partir da base do exército guerrilheiro. A fim de coordenar estas duas propagandas, as funções dos quais são estritamente relacionados, deve haver uma única direção e todo o esforço.

A Propaganda do tipo nacional de organizações civis fora do território livre deve ser distribuído em jornais, boletins e proclamações. Os jornais mais importantes serão dedicados a assuntos gerais do país e irá informar o público exatamente do estado das forças de guerrilha, observando sempre o princípio fundamental de que a verdade a longo prazo é a melhor política. Além dessas publicações de interesse geral deve haver outros mais especializados para diferentes setores da população. Uma publicação para o campo deve trazer para o camponês mensagem de uma classe a partir de seus companheiros em todas as zonas francas que já sentiu os benéficos efeitos da revolução, o que fortalece as aspirações do campesinato. Jornal operário terá características semelhantes, com a única diferença de que não pode oferecer sempre uma mensagem a partir da parte combatente dessa classe, uma vez que é provável que as organizações de trabalhadores não operarão no âmbito da guerrilha até as últimas fases.

Os lemas grandes do movimento revolucionário, sinónimo de uma greve geral em um momento oportuno, de ajuda às forças rebeldes, de unidade, etc, devem ser explicados. Outros periódicos podem ser publicados, por exemplo, uma explicação das funções desses elementos na ilha inteira que não são combatentes, mas que, no entanto, realizar diversos atos de sabotar, de tentativas, etc Dentro da organização, pode haver periódicos que visam o inimigo soldados, estes irão explicar factos de que eles são de outra maneira mantidos ignorantes. Boletins de notícias e proclamações sobre o movimento são muito úteis.

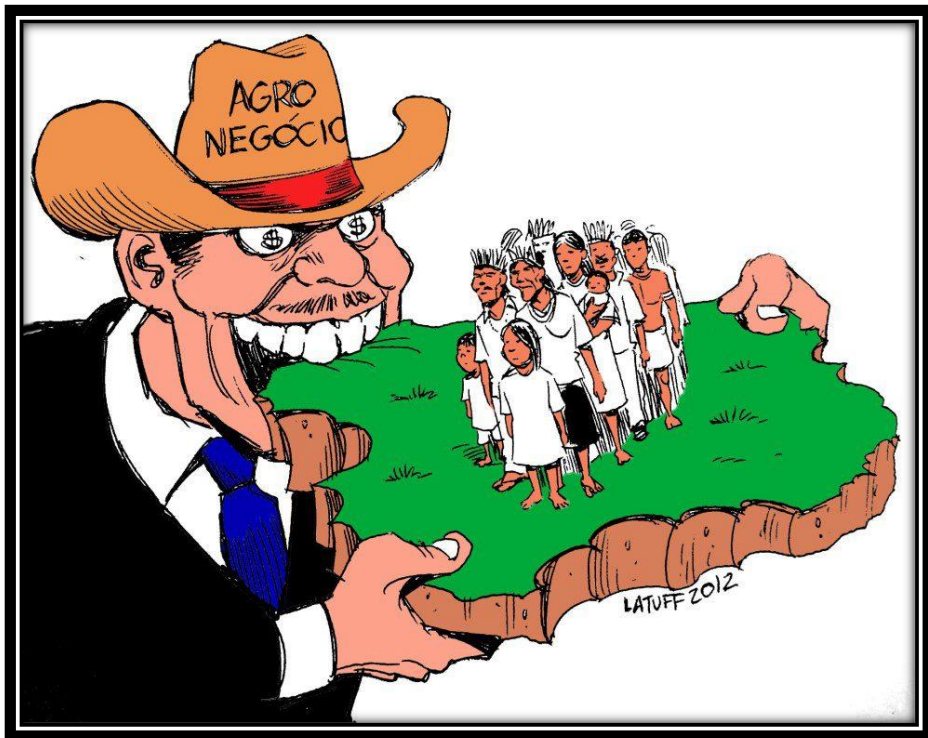
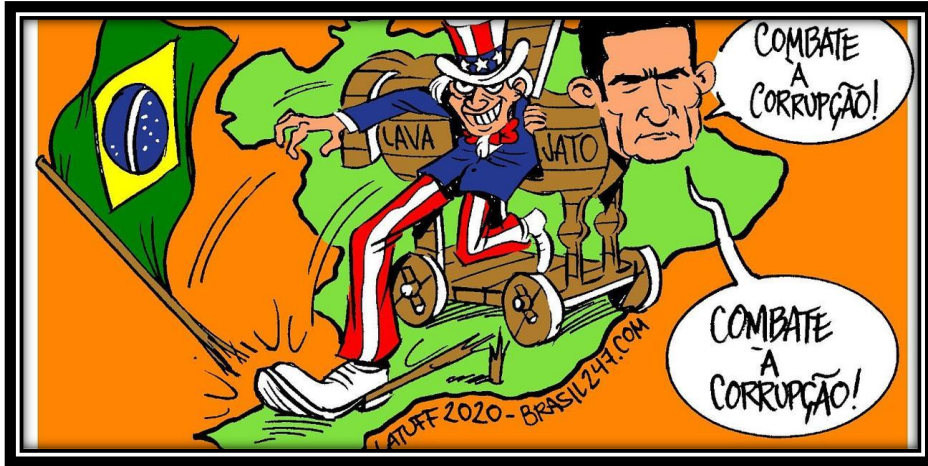
A propaganda mais eficaz é aquela que é preparada dentro da zona de guerrilha. Prioridade será dada a

difusão de ideias entre os nativos da zona, oferecendo explicações do teórico significado da insurreição, já conhecido por eles como um fato. Nesta zona, haverá também periódicos dos camponeses, o órgão geral de todas as forças de guerrilha e boletins e proclamações. Haverá também o rádio. Todos os problemas devem ser discutidos por rádio, por exemplo, a maneira de se defender dos ataques e localização das forças inimigas, citando nomes conhecidos entre eles. A Propaganda para a nação inteira usará jornais do mesmo tipo que aqueles preparados fora do território livre, mas pode produzir notícias mais frescas e mais exatas, relatando fatos e batalhas que são extremamente interessantes para o leitor. Informações sobre os assuntos internacionais serão confinado quase exclusivamente a comentários sobre fatos que estão diretamente relacionados à luta de libertação.

A propaganda que será a mais eficaz, apesar de tudo, o que vai se espalhar mais livremente por toda a área nacional para alcançar a razão e os sentimentos do povo, é a palavra pelo rádio. O rádio é um fator de importância extraordinária. Em alguns momentos quando a guerra se ampliar é mais ou menos palpitante em cada um de uma região ou no país, a palavra inspira e queima, aumenta essa febre e comunica-la a cada um dos combatentes facilita. Ele explica, ensina, incendeia, e fixa as futuras posições de ambos os amigos e inimigos. No entanto, o rádio deve ser regido pelo princípio fundamental da propaganda popular, que é a verdade, e é preferível dizer a verdade, pequena em suas dimensões, do que uma mentira grande artisticamente embelezada. Nas notícias de rádio deve ser dada, principalmente das batalhas, dos encontros de todos os tipos, e assassinatos cometidos pela repressão; também orientações doutrinárias e lições práticas para a população civil e, de tempos em tempos, os discursos por parte dos chefes da revolução. Consideramos útil que o principal jornal do movimento tenha um nome que lembra algo grande e unifique, talvez um herói nacional, ou algo similar. Além disso, ele deve explicar em artigos com profundidade onde o movimento armado está indo. Deve-se criar uma consciência nacional dos grandes problemas, além de oferecer seções do mais vivo interesse para o leitor.

**(Extraído do livro A GUERRA DE GUERRILHA).**

**HUMORLITICO**







# Conferência Ideológica

do MPS - PSB

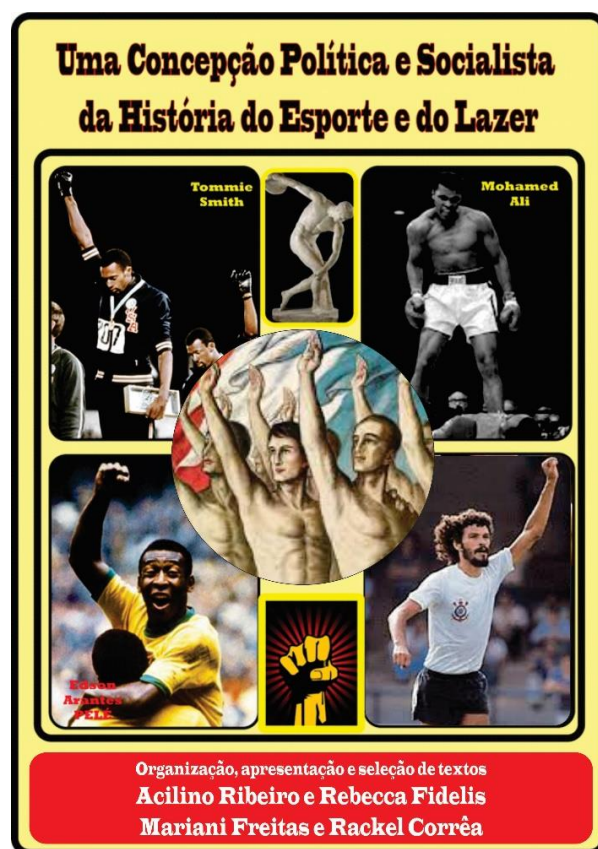
Dias 05, 06 e 07  
de dezembro  
de 2023

Um Novo PSB.  
Uma Nova Esquerda.  
Uma Nova Internacional



**PARTICIPE**  
das fases de estudos  
e debates da base,  
de maio a outubro;  
da fase estadual e de  
encaminhamento  
em novembro, e a nacional,  
de deliberação,  
em 05, 06 e 07 dezembro 2023  
Procure seu **NÚCLEO DE BASE**

O MPS, através da Coordenação Nacional de Formação Política, Cultura ideológica e Educação Popular e de sua **Escola de Quadros** lançou mês passado para sua militância dos núcleos de base do PSB mais dois livros. Um intitulado **Ecologia Política, Ecosocialismo e Ecomarxismo**, para a militância e ativistas do Núcleo de Base Ambiental e de Estudos Ecológicos do PSB organizado em dezesseis (16) estados brasileiros e no DF e outro intitulado **A concepção política e socialista do Esporte e do Lazer**. O NB de Esporte e Lazer também está estruturado nacionalmente e organizado em quinze (!%) estados e no DF.



**File-se ao PSB. Venha militar no MPS e estudar na UNIPOP**  
**Universidade de Políticas do Movimento Popular – A Escola de Formação de Quadros do MPS**



**PLATÃO**



Você tem todo direito de não gostar de política, mas sua vida terá influência e será governada por aqueles que gostam. Portanto, o castigo dos bons que não fazem política é ser governado pelos maus que a fazem.



Incentive seu filho ou filha a ser um **MILITANTE** do PSB e venha militar no Coletivo de Base **ESTUDANTIL** do MPS



Faça contato conosco no telefone **096.98424.8848**, falar com **THAILON**, do Coletivo de Base Estudantil do MPS e receba as instruções. Venha ser um militante revolucionário do PSB / MPS. Participe das reuniões e das oficinas de construção e dos cursos de formação.

**EXPEDIENTE**

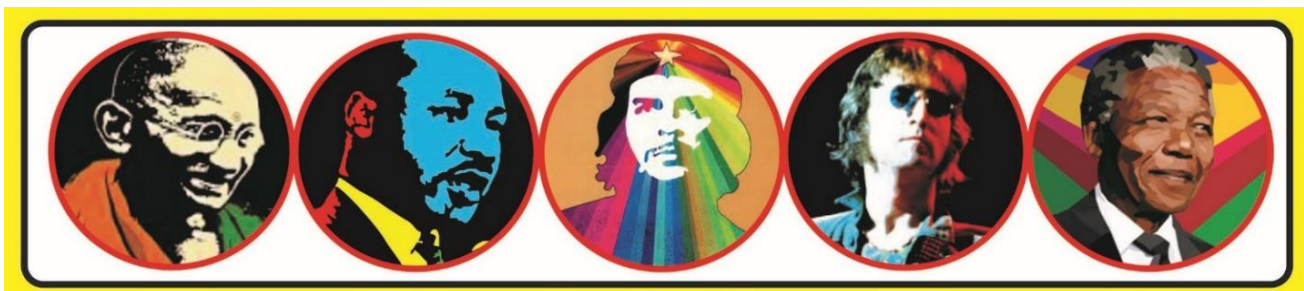
**Jornal O MILITANTE**

**Órgão Informativo do MPS / PSB**

**Conselho Editorial**

Coordenação Geral **ACILINO RIBEIRO**  
 Subcoordenação Geral **BIA CARDOSO**  
 Direção **MILENA TEIXEIRA**  
 Edição **PALOMA OLIVEIRA,**  
 Coordenação de Distribuição **LARISSA GALVÃO,**  
 Secretários Estaduais de Mídia, Redes e Comunicação  
 e o Núcleo de Base de Mídiaativistas do MPS / PSB

Editado p/ Coordenação Executiva de Mídia, Redes e Comunicação  
 e o Núcleo de Base de Mídiaativistas do MPS / PSB



**Uma publicação do MPS - Movimento Popular Socialista**